

Imprensa pedagógica como dispositivo de subjetivação da professora moderna: estudo de caso a partir da *Revista do Ensino* no Brasil / 1950-1970

The pedagogical press as a subjectivation device of the modern teacher:
a case study on brazil's magazine *Revista do Ensino* / 1950-1970

Beatriz Daudt Fischer*

RESUMO: O presente trabalho analisa a *Revista do Ensino*, editada no Rio Grande do Sul, mas que passa a ser reconhecida nacionalmente e inclusive em outros países. Iniciando em 1951, com 5.000 exemplares e chegando a 50.000 na década seguinte, este periódico se constitui um artefato indispensável a pesquisadores interessados em estudar a circulação de saberes e modelos pedagógicos daquele período, com repercussões ainda nos dias de hoje. Esta pesquisa, envolvendo aproximadamente dez mil páginas analisadas, aponta modalidades discursivas que contribuíram na edificação de um modelo *moderno* da mulher professora. Nessas variadas edições, a revista propõe que suas assinantes tomem consciência de seus atos, na busca de sua própria emancipação. Valendo-se do conceito de dispositivo, a pesquisa permite verificar com que naturalidade operamos a partir de arquivos dentro dos quais nos encontramos inseridos, assumindo a autoria de determinados discursos como se fossem nossos.

PALAVRAS-CHAVE: Docência. Imprensa pedagógica. Relações de poder. Estratégias discursivas. Subjetivação.

ABSTRACT: This paper analyzes the magazine called “*Revista do Ensino*”, published in the state of Rio Grande do Sul, but soon acknowledged in the rest of the country and even in others. “*Revista do Ensino*” started in 1951, with 5,000 copies and reached 50,000 in the following decade and today it is considered an important reference for the researchers interested in studying the circulation of knowledges and pedagogical models of that period, which still contains repercussions nowadays. This research, involving approximately ten thousand analyzed pages, points discursive modalities that had contributed in the construction of a *modern* model of the woman teacher. This several issues, the magazine suggests that the subscribers should feel self conscious about their acts, in order to gain their own emancipation. Using the concept of device, the research allows one to verify with what naturalness we

* Doutora em Educação. Professora pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos/ UNISINOS/RS. E-mail: beadf@terra.com.br

operate from archives that we see ourselves into, assuming the authorship of specific speeches like they were our own.

KEYWORDS: Teaching. Pedagogical press. Power relations. Discursive strategies. Subjectivation.

Em meados do século XX, com a expansão da escola pública no Brasil, amplia-se o número de instituições dedicadas à preparação do magistério, constituído basicamente de moças da classe média. Paralelamente, surgem outras instâncias formativas, preocupadas não só com o desempenho didático da mestra moderna, mas também com o comportamento moral desta moça que deve deixar a casa de seus pais para adentrar lugares distantes, enfrentando sozinha novas vicissitudes e *tentações*. Entre as instâncias formativas, surge a imprensa pedagógica, via periódicos, que, ou circulam nas escolas, ou são assinados individualmente por cada professora. Neste trabalho analisa-se uma das publicações da época, a Revista do Ensino -RE, editada no Rio Grande do Sul mas com projeção em todo país e até mesmo no exterior¹. Iniciando em 1951, com 5.000 exemplares e chegando a 50.000 na década seguinte, este periódico pode ser considerado artefato indispensável aos interessados em estudar a circulação de saberes e modelos pedagógicos daquele período. Esta pesquisa, envolvendo aproximadamente dez mil páginas analisadas, aponta modalidades discursivas que contribuíram na edificação de um modelo *moderno* da mulher professora. Constata-se, ali, um solo fértil que faz germinar discursos como efeitos de verdade. A partir de conceitos inspirados por Foucault, alguns detalhes despercebidos numa primeira leitura foram tomando vigor na medida em que se analisaram os enunciados dispersos, relacionando-os com o contexto mais amplo.

Partindo do pressuposto de que comunicar é sempre uma certa forma de atuar sobre outras pessoas (DREYFUS; RABINOW, apud TERÁN, 1995, p. 177), aqui são analisadas possíveis contribuições da Revista do Ensino ao processo de subjetivação das suas leitoras. Descreve-se parte das práticas discursivas ali edificadas que possivelmente ajudaram a constituir o próprio objeto de que falam, isto é, um tipo de professora para quem a revista foi pensada e destinada desde sempre². Tais práticas, atravessadas por enunciados

¹ A Revista do Ensino teve assinantes em todo Brasil, e também na América do Norte, Central e do Sul, Europa e África Portuguesa.

² A Revista buscava atingir principalmente “o professor que mais precisava, a professora das primeiras letras” (FISCHER, 1999).

normalizadores, constituem dispositivos relacionados a instâncias de poder nem sempre de fácil visibilidade. Assim, ao longo desta pesquisa cada página recebeu atenção minuciosa, perpassando-se todos os números existentes³, desde sua primeira edição, em 1951 até 1970, data limite desta investigação.

A cada exemplar, os discursos não derivam de um modelo conscientemente estabelecido, mas de um conjunto de condições inerentes ao contexto então existente. Hoje, se alguém aleatoriamente abrir um dos números da década de 1950, por exemplo, talvez não consiga captar toda a dimensão do que ali se diz. Mas, se penetrar no contexto que envolve aqueles discursos – o que, em parte, é possível constatar através da leitura de jornais da época (FISCHER, 2002) – conseguirá perceber um conjunto de enunciados que, aos poucos, vão dando suporte ao que faz, ao que pensa, ao que diz, ou deixa de dizer uma professora de então.

Com Foucault (1993) aprendemos que são as práticas sociais impregnadas de poder que favorecem certa regularidade discursiva, permitindo a emergência de determinados temas e não de outros. O não-discursivo - como por exemplo o contexto político ou as instituições - engendra o campo do saber a partir do qual os sujeitos que falam recortam os objetos, elaboram conceitos ou selecionam estratégias. É a partir dessas relações que também os textos da RE - verdadeiros “acontecimentos discursivos” - podem ser lidos.

Ao longo das páginas folheadas, vai se explicitando a professora, “mestre humilde e ignorada”, que tem uma missão a cumprir aqui na terra: “salvar almas para Deus e formar cidadãos para a Pátria” (RE, set./1959, p. 15).⁴ Ou seja, mestras são pessoas “sempre prontas para a íngreme escalada do dever e a busca suprema dos bens eternos” (RE, set./1959, p. 15). Por isso, a professora é “mãe espiritual”, e por isso “ensinar é mais que criar a carne, é criar a alma”, fazendo com que os alunos sejam “o grande amor de sua vida”. Magistério é vocação e a professora jamais é identificada como uma profissional. Seu trabalho não supõe recompensa “neste mundo”. Os méritos são computados “pela glória de tudo dar e pelo triunfo de nada receber” (RE, set./1958, p. 2). Tais textos, entretanto, não constituem exclusividade da RE, tendo sido objeto de minuciosas análises em trabalhos acadêmicos de indiscutível importância, como é caso por exemplo dos estudos

³ Com uma média de 70 a 80 páginas, a Revista era editada mensalmente de março a dezembro.

⁴ As citações passam a ser identificadas pelo mês de publicação (indicado pelas três principais letras), seguido do ano e página. A grafia permanece fiel à gramática da época.

de Kreutz (1985), Arroyo (1985), Lopes (1991a; 1991b), Nadai (1991), Nóvoa (1992), Alliaud (1993), Hypolito (1997), entre outros. Sem negar a riqueza das análises já elaboradas, outro aqui é modo de abordar a dimensão *missionária*. Enfatizando uma ótica inspirada em Foucault (1987; 1992; 1993), busca-se indicar formas sutis de controle, verdadeiros dispositivos que se propagam através das superfícies discursivas e que se materializam na Revista do Ensino.

Assim, destacam-se conteúdos de exaltação aos professores em geral, mas de modo muito especial louva-se esta figura que é “fada boa e carinhosa, misto de sacerdote, artista e operário” (RE, out./1953, p. 47), que faz “da sua vida um holocausto” (RE, set./1957, p. 53), fato que lhe traz “a satisfação íntima por estar consagrando a vida terrestre a um ideal de eternidade” (RE, ago./1961, p. 68). É como se a vida cotidiana da leitora ficasse sempre marcada por um toque do impossível, fazendo com que aquilo que a coloca fora do alcance concreto funcione como lição e exemplo (FOUCAULT, 1992, p. 124). Quanto mais a narrativa foge ao real, mais força tem para fascinar ou persuadir. Nesse jogo discursivo, envolvendo o *fabuloso exemplar*, a diferença face ao verdadeiro ou ao falso não é questão que se coloca.

Nesta mesma perspectiva, os ditos, partindo dos mais diversos sujeitos enunciativos, em geral independem da época em que são publicados. Uma leitura com mais acuidade, entretanto, permite verificar, a partir da década de 1960, relativa queda na quantidade de textos enaltecendo a mestra. O que não quer dizer, entretanto, que eles sejam abandonados totalmente. Apenas vão tomando novas formas, dentro de novos contextos. No conjunto, nem sempre fica explicitado o nome de quem por eles é responsável, o que permite concluir que, nesses casos, a RE os assume como incorporados aos seus propósitos. Quando, porém, apresentam autoria definida é possível perceber, ali, uma polifonia de vozes (FOUCAULT, 1992), as quais ocupam posições variadas, todas direta ou indiretamente vinculadas ao campo da educação. Desta forma, orações e poemas, mensagens e cartas vão tendo seus espaços ao longo das edições, quer tenham sido encaminhadas por uma inspetora da Secretaria de Educação, quer por uma professora assinante do interior : quando se trata de louvar e reconhecer esta que faz de sua vida um “apostolado da fraternidade” (RE, set./1958, p. 2), todos os textos são atravessados pelos mesmos enunciados. Esses discursos vão, assim, arquitetando o objeto de que falam. A

professora ali objetivada não se parece com um ente real, de carne e osso, com necessidades concretas, desejos e ambições. Os atributos que lhe são creditados permitem imaginá-la como um *ser quase divino*. Da mesma forma, inúmeras são as expressões que referem a atividade docente como “Missão de Transcendência” (RE, out./1954, p. 4), a ponto de exigir de quem “a ela se consagra o ato de renunciar aos direitos individuais em favor do bem coletivo, cultivando o espírito de serviço pela humanidade” (RE, nº105/1965, p. 11)⁵.

Embora nem sempre visíveis à primeira vista, o conjunto de enunciados parece cumprir uma função formadora; são enunciados vinculados a práticas que ajudam a constituir esta mulher professora. Em meio ao processo de desamarrar os nós dessa rede de múltiplas tramas, eis que surge mais uma questão: por que se fazem exaltações à mestra e, ao mesmo tempo e na mesma intensidade, se busca alertá-la acerca do *peso* que tal atividade acarreta? Difícil diagnosticar, ao longo da mesma proposição, se as palavras carregam o significado de elogio ou de controle. Uma leitura superficial talvez identificasse algum paradoxo. Mas não se trata disso. Pelo contrário, é justamente aí, que se configura total coerência: como dispositivo de normalização, o discurso do elogio se transfigura em prática de alerta e disciplinamento.

Se a *missão* da professora é “de colaboradora predileta de Deus em sua obra de amor” (RE, mar./1960, p. 35) e se “não há amor sem grandes sacrifícios” (RE, ago./1955, p. 4) – como decorrência, evidentemente, a vida dessa mulher exige constantes cuidados e restrições pessoais, tendo em vista a preservação de um comportamento condizente com tal tarefa. É preciso, portanto, buscar o contínuo aperfeiçoamento de caráter. Se ela ainda não se deu conta dessa *verdade* ou não está suficientemente consciente das exigências que a posição lhe obriga, as recorrentes palavras e expressões por certo a farão lembrar. Para tanto, os textos se valem da exaltação mas, ao ser louvada, a professora é também advertida de que precisa tornar-se sempre digna de tal louvor. Outras enunciações, inseridas neste mesmo dispositivo, aparecem em textos que identificam os alunos como “espelhos que refletem a maneira e a personalidade do professor”⁶ ou que dizem que “a criança precisa

⁵ A partir de 1964 a RE deixa de publicar o mês de sua edição, substituindo-o por numerações, o que veio a exigir que, também aqui, neste trabalho, fossem alteradas suas formas de referência.

⁶ Ainda que a imensa maioria dos textos seja dedicada às professoras primárias, muitas expressões estão flexionadas no masculino.

aprender a ordem, pois a desobediência conduz a desastres e sofrimentos” (RE, ago./1955, p. 42). Logo, “cabe à professora dos primeiros anos escolares” estar consciente de que é exemplo: “As professoras devem ser pessoas maravilhosas em todos os sentidos.” (RE, nov./1961, p. 30). Entretanto, diante da vida concreta de mulher, permeada de sentimentos, desejos e ambições inerentes à condição humana, certamente, não é fácil para ela manter-se nesse ideal. Talvez, por esta razão, aparecem publicados inúmeros textos em forma de prece, como se forças extraordinárias fossem indispensáveis para cumprir a tarefa do magistério⁷.

É como se um catolicismo moralista atravessasse cada uma daquelas páginas. Há um conteúdo que se auto-produz, convidando as leitoras para tornarem-se, sem saber, “funcionárias do discurso” (ROUANET, 1971). Assim, nada sutis são os convites para que a vida siga as regras estabelecidas: “Como pode a professora primária preparar-se hoje, convenientemente para sua missão educativa?” Entre as alternativas, lá estão mais algumas das capacidades a desenvolver: “cultivar a apresentação pessoal, a arte de falar e o dom de saber ouvir, adquirir a virtude do sorriso e a magia acolhedora do olhar ...” (RE, ago./1961, p. 4). Muito mais do que transmitir os tradicionais saberes escolares, cabe-lhe como tarefa a propagação de verdades relacionadas à moral e aos bons costumes, identificadas, muitas vezes, como “o evangelho do Bem e do Labor” (RE, set./1957, p 38).

Inúmeras modalidades enunciativas são, para tanto, acionadas. Entre elas, destacam-se pelo menos duas, desdobradas ao longo dos textos. Ambas, integrando o dispositivo de poder, ensejam um convite à reflexão, à tomada de consciência sobre cada passo a ser dado, como veremos a seguir. A primeira das modalidades enunciativas – ainda dentro da temática da exaltação – é aquela das histórias exemplares, ou seja, aqueles textos que buscam no passado exemplos de vida a seguir, já que o exercício cotidiano da auto-reflexão da professora exige modelos de conduta, exige parâmetros para melhor progredir na escalada da perfeição. Nada mais adequado do que buscar nas pessoas que já partiram desse

⁷ Por exemplo, este, indicando imolação e suplício : Senhor [...] quero ser para os meus gárrulos discípulos como o pelicano para os seus filhinhos [...] ave da dedicação e da renúncia – alimenta os seus pequeninos rebentos com o próprio sangue, a própria vida. Mata-se lentamente para que eles vivam e cresçam, e sejam fortes e felizes. Amor de pelicano é também este amor pedagógico da professora pelos seus alunos, tão grande e tão puro que não visa à correspondência afetiva nem à compensação material.” (RE, set./1958, p. 3).

mundo a inspiração para o presente. Nesse sentido, a seção *Retratando Mestres* é pródiga em apresentar mulheres – quase somente mulheres – que recebem homenagens póstumas⁸.

Fazer do magistério um sacerdócio⁹ significava que a professora exemplar “ao entrar na escola deixava toda a preocupação de sua vida doméstica, enlevada pela vocação à carreira que abraçara” (RE, abr./1955, p. 14); ou então, que “[...] cumpriu assim., aqui na terra, a mais alta e sublime missão que uma mulher pode almejar: foi esposa modelo, mãe exemplar e mestra dedicada” (RE, set./1953, p. 17). Os dois últimos exemplos, além de tudo, explicitam claramente questões de gênero, embora estas se façam presentes em todos os discursos, com maior ou menor evidência. Na verdade, quando alguma pessoa do sexo masculino é homenageada nesta seção – o que aparece com relativa raridade –, louva-se sua condição de “estudioso, culto e altamente conceituado” (RE, ago./1954, p. 19) ou “culto e fino, possuidor de invulgar capacidade, com profundos conhecimentos da Língua Vernácula... (RE, jun./1954, p. 14). No rol das mulheres destacadas, jamais se descortinam tais qualidades. Além disso, considerando que a função enunciativa só se torna possível de apreensão se for relacionada ao universo extra-discursivo, ou seja, se vista na sua dimensão histórica, é fundamental assinalar: essa seção da RE, datada das edições de 1951 a 1956, insere-se num tempo caracterizado pelos jornais como “época conturbada”, já que o professorado parece começar a se movimentar em busca de seus direitos¹⁰. Ou seja, período em que práticas divergentes manifestam-se mais e mais. Na RE, um discurso recorrente insiste em alertar sobre o momento que se vive, como se a sociedade estivesse sob ameaça, no sentido de que algo fora do estabelecido pudesse ocorrer a qualquer momento, desestabilizando a ordem vigente¹¹. Na RE, o presente é sempre descrito como uma época

⁸ Sobre esta seção especificamente, há um artigo de Bastos e Colla (1995), *Retratando Mestres: a idealização do professor na representação da docência*.

⁹ Quarenta anos de luta, de sacrifícios [...] ela fez do magistério o seu sacerdócio (RE, ago./1955, p. 12). Ela [...] notabilizando-se por competência, senso de responsabilidade, espírito de sacrifício e renúncia, em prol da causa que honrou pela dedicação, amor à profissão e consciência do dever (RE, mar./1955, p. 16); [...] Nisso, exatamente, reside o seu verdadeiro valor ... os que se exaltam serão humilhados; os que se humilham serão exaltados! (RE, set./1952, p. 17); [...] Alma predestinada, sentia um grande prazer em dar sem nada receber. (RE, out./1952, p. 11).

¹⁰ Nos jornais consultados, diversos editoriais ao mesmo tempo em que enaltecem “a tradição de diligência e resignação”, denunciam “a remuneração injusta dos professores” e a falta de “maiores desvelos entre os nossos homens de governo...” (Correio do Povo, 15/out./1954, p.4). Em 1956, o “Centro de Professores Primários convoca o magistério primário para uma convenção na qual tratará, entre outros assuntos, do aumento de vencimento do magistério”. (Correio do Povo, 9/out./1956, p. 7).

¹¹ Vale aqui mencionar Pinto (1988, p. 7), que vê *crise* como um discurso construído, com presença constante na história: “A crise é sempre apresentada de uma maneira pouco definida, e de sua própria indefinição surge

“tresloucada e transviada”, “momento difícil”. Para a RE, entretanto, “a crise de que sofre nossa cultura não é, em primeiro lugar, de natureza econômica ou política; é uma crise profunda da vida espiritual” (RE, ago./1955, p. 4). O passado é sempre lembrado como um tempo em que tudo era melhor, a conduta das pessoas muito mais equilibrada, os valores muito mais próximos do ideal que se almeja. É como se tudo isso *hoje* estivesse em perigo. E quem melhor para resgatar antigos valores do que a escola e, nela, a professora, que tem a sua frente a criança, este ser ainda “virgem de defeitos graves”? (RE, mar./1960, p. 35).

A segunda modalidade discursiva – caracterizada por textos que propõem o auto-exame e uma série de alertas para a mestra – tem a mesma finalidade das histórias exemplares: predispor a professora a meditar sobre suas próprias ações, só que agora valendo-se de recursos que implicam na auto-análise, o que vem comprovar o funcionamento da reflexividade como um traço marcante do discurso moral, constituidor de subjetividades (LARROSA, 1996). Nessa perspectiva, o espírito do dever se expressa através de inúmeros verbos imperativos. Seja na forma afirmativa ou negativa, diferentes proposições surgem ao longo das páginas, algumas delas, inclusive, sugerindo a interação da leitora, a qual deve responder *sim ou não* às perguntas formuladas, no sentido de avaliar até que ponto suas atitudes correspondem àquilo que se identifica como *uma verdadeira professora*. Segue-se um texto exemplar:

Auto-exame de uma professora

Querida professora, você é das que se sente ofendida, quando a diretora lhe faz alguma observação? Convido-a para, juntas, fazermos um auto-exame, quase um exame de consciência. Coragem! Você chega à escola sempre no horário estabelecido, a tempo de assinar o ponto descansadamente para depois conduzir seus alunos à aula? Você aceita com naturalidade as tarefas extraordinárias que a diretora lhe destina? [...] Você se penteia ou prende os cabelos dentro de uma rede porque não tem tempo de cuidar deles? E sua maquiagem? Ela é necessária sim, mas lembre-se de que é para a escola e não para o teatro que você vai. [...] Você é das que senta sobre a mesa... e com as pernas cruzadas? [...] As professoras devem ser pessoas diferentes, maravilhosas! (RE, nov./1951, p. 39).

Seguindo o mesmo tom prescritivo, uma edição de março de 1960 convida a professora para refletir sobre seu agir, também valendo-se da estratégia da pergunta –

um dos pontos básicos de sua eficácia, pois torna opacas políticas concretas e tomadas de decisões dos grupos no poder”.

estratégia essa comumente utilizada nos catecismos católicos da época, na seção em que orientavam o preparo do fiel para a confissão:

Tens meditado alguma vez na autêntica grandeza do teu ofício? É possível que muitas vezes tenham murmurado em teu ouvido a letânia malsã que se inclina a concluir na inutilidade de todo esforço excêntrico a um eixo que tem na riqueza e no prazer seus polos. Porém, teu reino não é deste mundo, mas de outro, muito mais alto e, por isso mesmo, muito mais difícil e exigente. (RE, mar./1960, p. 35).

As mensagens carregam, simultaneamente, o tom de exaltação e auto-controle. Aos poucos, algumas das *verdades* ali edificadas passam a integrar o dia-a-dia da professora. Nos textos, os sujeitos enunciadores, situados na primeira pessoa do plural, permitem à leitora incorporar as frases como produtos de sua própria reflexão. Como Foucault fez referência, criam-se dispositivos e neles os indivíduos acabam emaranhando-se, sem perceber que aí também se constituem enquanto *sujeitos*. Conforme já aludido aqui, tais discursos independem da época em que aparecem. Eis a seguir alguns exemplos da década de 1960, quando são utilizados recursos discursivos semelhantes àquele das revistas femininas da época:

Março vem aí! Responda Sim ou Não às perguntas formuladas” E segue uma listagem de vinte questões do tipo “Você foi moderna sem exageros, elegante com discrição, usou vestidinhos alegres, embora simples, que a tornaram mais jovem e lhe deram aparência cuidada? Responda sinceramente. Se você responder NÃO às perguntas 1, 8, 19 e 20 e SIM às demais, você é pontual, atualizada, disciplinada, simpática, moderna, caprichosa, discreta e jovial. Se você não é tudo isso, procure modificar-se e todos notarão que você está mais simpática, mais amável, mais moderna embora muito simples, e que sua aula está mais agradável e seus alunos mais felizes! As professoras devem ser pessoas maravilhosas em todos os sentidos!” (RE, nov./1961, p. 30). [E, na revista imediatamente seguinte]: “Bom dia, Professora ! Março chegou. [...] Não esqueça que é necessário deixar em casa, custe o que custar, qualquer problema que nada tenha a ver com a escola. [...] Procure ser carinhosa e amiga na medida justa, nem demais, nem de menos. [...] De você, professora, depende o futuro da Pátria (RE, mar./1962, p. 76).

No interior desses ditos há um saber que se constitui, sejam eles enunciados de forma singular, sejam eles padronizados e repetitivos, como os que aparecem nas páginas

da Revista¹². Todas as formas, sem exceção, correspondem à economia desses discursos que se orientam a partir de determinado dispositivo de poder. Similares entre si, todos eles incorporam enunciados que se referem ao sacrifício como dever da profissão. O próprio título a seguir - “Quem tem a culpa ?” - já carrega implicitamente as razões pelas quais poderia ser considerado como peça de museu – verdadeiro monumento – exigindo preservação. Na preciosidade de sua arquitetura, conteúdo e forma não somente falam, mas gritam, escandalosamente, as regras de um tempo.

Quem tem a culpa ?

Tu escolheste uma profissão que implica necessariamente desprendimento, abnegação, sacrifício, perseverança... Se se produz alguma vez colisão de interesses, a reta compreensão do teu dever te impõe que sacrifiques os teus interesses pessoais nas aras de teus alunos. Quem tem a culpa? Somente tu, que te fizeste professora, em vez de abraçar outra profissão qualquer, menos exigente [...] Há em ti múltiplos desejos pessoais, sentimentos, gostos, ambições etc, que nada tem a ver com a profissão. E tu, naturalmente, dás razões: “Ninguém me agradece por tanto sacrifício. Pagam muito pouco para que se faça tanta coisa.” Mas a tua profissão não se paga com dinheiro, nem com gratidão, nem com honrarias! Vale tanto que está muito acima de toda classe de recompensa. [...] Teu trabalho é puramente espiritual. [...] Se pelo bem de teus alunos te vês forçada a fazer sacrifícios, renúncias, trabalhos, esforços superiores, e não o fazes, faltas simplesmente ao teu dever. Porque escolheste uma profissão que implica necessariamente desprendimento, abnegação, sacrifício, perseverança, e te negares a tudo isto quando chega a ocasião, equivale a desertar com deserção culpável e afrontosa. Ou bem deixas de ser professora, ou, bem continuando a sê-lo, não tens mais remédio senão viver disposta a renunciar muitas vezes aos gozos legítimos, a pospor desejos atendíveis, para estimar acima de tudo o bem de teus alunos. Sem regatear nenhum trabalho que convenha a esse bem. Assim deve ser forçosa e necessariamente. A quem cabe a culpa? Somente a ti, que abraçaste esta profissão e te fizeste professora... (RE, ago./1954, p. 28).

Outrossim, a análise permite constatar que, na década de sessenta do século vinte, com a ascensão da Psicologia - campo do conhecimento que passa a se instalar com maior vigor no meio acadêmico – a RE chega a dedicar um terço de suas páginas a abordar assuntos de relacionamento interpessoal ou problemas de aprendizagem, identificando-se ali uma nova formação discursiva, considerada de dimensão científica . Em outras palavras, umas vezes, um suntuoso edifício verbal... outras, meia dúzia de frases breves

¹² Os textos sob esta dimensão são inúmeros, tornando difícil decidir quais destacar.

(FOUCAULT, 1992, p. 118), mas sempre lá está, presente, o controle; em última análise, o poder. Se, no início a RE se valia de conceitos enraizados na fé em um ser supremo – Mestre, Senhor Jesus, Deus, Nossa Senhora – na medida em que os anos vão passando outros tomam esta posição: os ditos da ciência passam a ter lugar de destaque na construção de saberes em torno da professora. A identidade da mestra e, por decorrência, suas práticas, passam a ser guiadas, direta ou indiretamente, por tais fundamentos. Entretanto, os mesmos enunciados marcando antigos valores não são descartados. Eles permanecem lá, travestidos em novas estratégias discursivas, no interior ou na superfície dos discursos.

Se o ato de comunicar é uma forma de atuar sobre os indivíduos, a Revista do Ensino se configura como espaço exemplar de exercício de poder. Fica evidente a produção de uma identidade de professora, marcada pela atitude sempre esperada da abnegação. Interessante, porém, é que o discurso da RE se edifica a partir de um paradoxo: ao mesmo tempo em que as leitoras se sentem convidadas a voltar-se para o passado, tendo nas antigas mestras o modelo de virtudes a seguir e uma tradição a cultivar, são também convocadas a encarar o desafio do futuro, da modernização, acompanhando o que se diz (de fato, o que a Revista do Ensino diz) acerca das tendências da ciência da educação, em especial da Psicologia. Na articulação sutil destes dois pólos, amarra-se uma estratégia eficaz de conquista permanente da leitora, a ponto de a RE se tornar leitura indispensável a todas que desejarem considerar-se “uma verdadeira mestra”. Em outras palavras, os ditos sobre ela, seja na dimensão “tradicional”, seja no que se refere a alternativas “modernas”, partem do mesmo *cogito*. Assim, o ideário do magistério como sacerdócio que perpassa, sem exceção, todos os periódicos consultados, transmuda-se em verdadeiras “práticas de aquisição” (MARSHAL, 1993, p. 27), na medida em que ali, diretamente, “nada se ensina”, no entanto, muito se aprende. As estratégias discursivas em forma de receituários (“Veja como é fácil montar um laboratório em sua sala de aula”), ou de propostas interativas (“Responda SIM ou NÃO”), constituem modos eficientes de sedução pela Revista e por tudo o que ela diz. Dentro deste espírito, o enunciado de que a “estrada da salvação passa pelos canteiros da auto-renúncia” – da cotidiana aceitação dos sacrifícios, da omissão diante de injustiças de que é vítima – garante o sustento de práticas correspondentes, tanto na vida dessa mulher como professora, como na de mulher-filha, na de mulher-esposa e na de mulher-mãe.

Justamente porque “o discurso só exerce poder pela identificação, pela adesão espontânea” (PINTO, 1989, p. 36) é que as professoras diziam ser a RE *a melhor revista do país*. Se o periódico não tivesse se caracterizado daquela maneira – se não tivesse sido o que foi - tivesse, por exemplo, portado textos de Brecht em vez das orações de Gabriela Mistral – não teria frutificado. Ele germinou com tamanho vigor especialmente porque, no espaço e no tempo em que se implantou, gerou saberes e práticas associadas a múltiplas forças de sustentação, relacionadas a instâncias diversas de poder. Eis aí, em parte, o que Foucault denomina como *a priori histórico*, ou o que se pode simplesmente identificar como um solo onde afloram determinados discursos e não outros. Em outras palavras, aquele eterno discurso edificador de uma imagem específica de professora (paciente, abnegada, humilde, mansa e feliz) irradia-se de fato enquanto dispositivo de normalização, através das mais variadas estratégias, fazendo com que na Revista se explicita o sujeito nas duas dimensões a que Foucault se refere: sujeito no sentido de submetido a alguém (por controle e dependência) e sujeito no sentido de “amarrado” a si mesmo (através dos ditames da consciência). Esta segunda dimensão, mais explicitamente enfocada em textos que convidam à introspecção e à auto-análise, favorecem uma antiga prática: antes de que os outros a julguem, é ela mesma, a própria professora, quem julga constantemente seus atos, a partir de critérios que assume como seus, mas que de fato lhe são integrados, em nítido processo de subjetivação.

A prática docente descrita como instauradora da ordem propõe à mestra o papel de vigilante. E os efeitos desse dispositivo disciplinar atingem, também, a ela individualmente, a suas relações próximas, bem como às estruturas concretas das instituições de que faz parte. A eficácia dessa trama está justamente na capacidade de expandir-se por pontos múltiplos, valendo-se de condições férteis que encontra pelo caminho, e desdobrando-se continuamente em formas renovadas ainda hoje. Tais relações, em não sendo subjetivas, nem por isso deixam de ser intencionais. Elas visam a determinados propósitos, mas não há, necessariamente, um sujeito em particular que as organiza ou manipula. Como muito adequadamente afirma Veyne (1978, p. 161), quando se tem uma conduta, tem-se necessariamente a mentalidade correspondente. As duas coisas estão ligadas compondo a prática: “para um leão, é tão tranqüilo o fato de que é leão, que ele ignora que é leão”. Portanto, ao contrário de análises sob outros paradigmas - quando se supõe existir uma

razão formal por trás de tudo - as lentes epistemológicas selecionadas para o presente trabalho ajudam a concluir, entre outras coisas, que existem relações anônimas de forças (TERÁN, 1995), que se atualizam de diferentes modos e de acordo com determinadas circunstâncias que lhes são favoráveis. Tais relações não funcionam em estado puro, mas imbricadas em outros tipos de relações (econômicas, culturais), que ora têm um papel condicionante, ora condicionador.

Assim, articulados a diferentes relações de poder, instauradas implícita ou explicitamente em torno das mulheres professoras – o conjunto de discursos permite identificar a Revista do Ensino como um dispositivo de subjetivação, ajudando a constituir modos de ser e de pensar as práticas cotidianas. Através de diferentes aparatos enunciativos, a leitora é convidada a refletir acerca de si mesma, de seus compromissos morais e éticos frente a um mundo moderno, *ameaçador da ordem e do bem estar das famílias*. Valendo-se do conceito de dispositivo, a pesquisa permite verificar com que naturalidade todos nós operamos a partir de arquivos dentro dos quais nos encontramos inseridos, assumindo a autoria de determinados discursos como se fossem nossos. Em outras palavras, explicita a existência de estratégias discursivas que exercem poder através da adesão espontânea dos sujeitos envolvidos. Desta forma, ao longo da pesquisa, permanece evidente a contribuição de Foucault no questionamento de nossa ilusão da modernidade - o sonho emancipatório de uma racionalidade humana universal e de uma consciência moral livre de dogmas. De fato, verdades inventadas.

Referências

- ALLIAUD, Andrea. *Los maestros y su história* : los orígenes del magistério argentino. Buenos Aires: Centro Editor de America Latina, 1993. (v. 1 e v. 2)
- ARROYO, Miguel *Mestre, educador, trabalhador*: organização do trabalho e profissionalização. Tese apresentada em concurso para professor titular. Texto mimeografado. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1985.
- BASTOS, Maria H. As revistas pedagógicas e a atualização do professor: a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1951-1992) In : CATANI, Denice B.; BASTOS Maria H. (Orgs.) *Educação em Revista* : a imprensa periódica no Brasil. São Paulo: Escrituras, 1997.

BASTOS, Maria H.; COLLA, Ana Maria. Retratando mestres: a idealização do professor na representação da docência. In: GONDRA, J.G. (Org.) *Pesquisa Histórica: Retratos da Educação no Brasil*. Rio de Janeiro: UERJ, 1995. p. 91-98.

CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 15 out., 1954; 8 out., 1956;

DREYFUS, H.L.; RABINOW, P. (Eds.) *Michel Foucault: beyond structuralism and hermeneutics*. Chicago: Harvester, 1982.

FISCHER, Beatriz T. Daudt. *Histórias e discursos de um passado presente*. 1999. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS.

_____. Cotidiano de pesquisadora: detalhes dos bastidores. *Revista Estudos Leopoldenses, Série História*, São Leopoldo, v. 4, n. 1, p. 63-74, 2000. UNISINOS.

_____. Memória Impressa – enunciados em torno do magistério no Rio Grande do Sul (1950-1970): um mesmo sempre retorna. *Série-Estudos – Periódico do Mestrado em Educação da UCDE*, Campo Grande, n. 14, p. 39-48, dez., 2002.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____. *O que é um autor?* Lisboa: Vega, 1992.

_____. *História da sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1993. (v. 1: A vontade de saber).

HYPOLITO, Álvaro L.M. *Trabalho docente, classe social e relações de gênero*. Campinas: Papirus, 1997.

KREUTZ, Lúcio. Magistério: vocação ou profissão? *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 3, jun. 1986.

LARROSA, Jorge. A estruturação pedagógica do discurso moral. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.21, n.2, jul./dez.,1996.

LOPES, Eliane M. S. T. *Da sagrada missão pedagógica*. 1991. Tese apresentada em concurso para professor titular à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1991a.

_____. De helenas e de professoras. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, n. 4, p. 172-175, 1991b.

MARSHALL, James D. Foucault y la investigación educativa. In : BALL, S. J. (Comp.) *Foucault y la educación: disciplinas y saber*. Madrid: Morata, 1993.

NADAI, Elza. *Educação como apostolado: história e reminiscências (1930-1970)*. São Paulo: USP, 1991. Tese (Livre Docência) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1991. Texto mimeografado. São Paulo, 1991.

NÓVOA, António. *Le temps des professeurs*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987, v. 1, 2.

_____. Fontes documentais e categorias de análise para uma história da educação da mulher. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, n. 6, p. 105-114, 1992.

PINTO, Céli. O discurso da crise: uma presença constante na história gaúcha. In: ACURSO, C (Coord.) *Uma avaliação da economia gaúcha no período 1960-1985*.

relatório final de pesquisa. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Estudos e Pesquisas Econômicas, 1988. V.1.

_____. *Com a palavra o senhor presidente José Sarney: o discurso do Plano Cruzado*. São Paulo: Hucitec, 1989.

REVISTA DO ENSINO, Porto Alegre, Todas as publicações: 1950-1972.

ROUANET, Sergio P. et al. *O homem e o discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971.

TERÁN, O. (Comp.) *Michel Foucault: discursos, poder y subjetividade*. Buenos Aires: El cielo por Asalto, 1995.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história*. Brasília: UNB, 1978.

Recebido: fevereiro/2004

Aprovado: março/2004